

A Resposta Indonésia à Crise Econômica e Financeira: **Está de Volta o Estado Desenvolvimentista?**

por Degol Hailu, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo - CIP-CI (IPC-IG)

A atual desaceleração econômica está pondo em risco os esforços para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. A pobreza está piorando e postos de trabalho foram perdidos. O Banco Asiático de Desenvolvimento estima que, até 2010, cerca de 100 milhões de pessoas na Ásia cairão na pobreza.

A depressão está afetando a Indonésia principalmente através de declínios em suas exportações e fluxos de capitais. Os preços dos seus principais produtos primários de exportação estão caindo. O mercado de ações esteve despencando nos últimos seis meses. Os mercados para os títulos do governo e Certificados indonésios (SBIs) apresentaram um déficit de US\$ 2,2 bilhões nos primeiros quatro meses de 2009. Acrescenta-se à crise a pressão inflacionária impulsionada pelos alimentos. Em 2008, o índice de preços ao consumidor (IPC) atingiu 12 por cento, acima dos 6,6 por cento em 2007. Os preços dos alimentos representam 49 por cento do aumento da inflação. O peso do IPC para alimentos é de 36 por cento. Como é que está o governo indonésio respondendo à crise financeira e econômica?

No primeiro trimestre de 2009, as exportações de borracha caíram em 32 por cento. Os agricultores são os que têm sofrido mais. Em algumas províncias a extração do látex cessou completamente. A resposta política foi a de cortar os embarques das exportações de borracha em 700.000 toneladas, uma medida cartelizadora que foi tomada em concertação com a Tailândia e a Malásia. A esperança é a de manter os preços elevados e manter constantes os níveis de rendimento, assim como faz a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

O preço do estanho, um outro grande produto indonésio de exportação, caiu de US\$ 23.595 por tonelada em julho de 2008 para US\$ 12.355 em abril de 2009. O governo suspendeu o sistema de quotas que estabelecia limites mínimos para as exportações de estanho. Quando os preços estavam altos, províncias como as de Bangka Belitung e as Ilhas Riau eram obrigadas a exportar, pelo menos, 90.000 e 15.000 toneladas de estanho, respectivamente. Suspendendo a cota mínima, o governo está incentivando os produtores a reduzir a sua produção e manter os preços estáveis em face da lenta procura global. Como resultado, a produção de estanho caiu de uma média de 120.000 toneladas entre 2005 e 2007, para 80.000 toneladas em 2008.

Os setores têxtil e calçadista também estão sofrendo da vagarosa procura global. Atualmente, se exporta 60 por cento da produção, enquanto 40 por cento são consumidos localmente. À semelhança de outros países asiáticos, nomeadamente a China, o governo está discutindo abertamente a mudança na sua estratégia de desenvolvimento. O novo foco é na expansão dos mercados domésticos. De fato, o objetivo para as indústrias têxtil e calçadista é o de mudar as percentagens acima referidas: 60 por cento para consumo doméstico e 40 por cento para as exportações. Como parte de seu pacote de estímulo, o governo está fornecendo subsídios diretos para a compra de máquinas no âmbito do Programa de Revitalização de Maquinário. Recentemente, a indústria calçadista recebeu uma subvenção de US\$ 5,17 bilhões, e US\$ 22,1 bilhões foram proporcionados à indústria têxtil.

O esforço para impulsionar o consumo interno é também acompanhado de uma estratégia de substituição de importações. Por exemplo, a Indonésia produz cerca de 24.000 toneladas de algodão anualmente. Mas as estimativas sugerem que a produção doméstica de algodão satisfaz apenas a 4 por cento da demanda. O restante é importado, principalmente do Egito e dos Estados Unidos. Novamente, o governo interviu e lançou um programa para aumentar a produção de algodão para 48.000 toneladas nos próximos anos e duplicar a área de cultivo para 40.000 hectares. O fornecimento de sementes e insumos agrícolas subsidiados já começou nas províncias de Gunung Kidul, Yogyakarta, Pati, Kudus, Blora, Java Oriental, e Sulawesi do Sul.

A resposta do governo para a crise também incluiu mudanças na política macroeconômica. A taxa de juros foi reduzida de 9,5 por cento em 2008 para 7,8 por cento em 2009. Um estímulo fiscal de US\$ 7 bilhões, ou 1,4 por cento do PIB, também foi anunciado. O estímulo vem sob a forma de reduções fiscais (76,5 por cento do mesmo), despesas com infra-estruturas (16,8 por cento) e de subsídios diretos (6,7 por cento). Felizmente, 2009 começou com um déficit orçamentário de 1,2 por cento do PIB, o que deu ao governo espaço para financiamento do déficit.

Posições cartelistas na oferta de exportações de produtos primários, subsídios industriais diretos, medidas de substituição de importações e um estímulo fiscal keynesiano tem sido a marca da resposta indonésia para a crise. Até agora, estas medidas heterodoxas foram anátema para o consenso neoliberal. Estamos assistindo ao ressurgimento do estado desenvolvimentista, dada à crise de legitimidade enfrentada por esse consenso.

Nota:

Este artigo é baseado em consultas realizadas durante a recente visita do autor à Indonésia no âmbito de um projeto de pesquisa do PNUD. Sinceros agradecimentos vão para as muitas pessoas que generosamente proporcionaram as suas percepções da situação.